

APRESENTAÇÃO

O que pode a literatura nos dizer sobre as construções de gênero? De outra forma, como os textos literários têm ajudado a construir representações e normas de gênero? Como a literatura tem sido utilizada, em diferentes tempos históricos, como forma de expressar as tensões em torno das transformações e discordâncias sobre o que se convencionou como adequado para homens e mulheres em termos de sua existência e possibilidade de dizer?

Essas foram algumas das questões que animaram a realização da aula inaugural do semestre 2017.2, ministrada por Eleonora Forenza, professora da Università degli Studi di Roma Tre e membro do Parlamento Europeu, no Auditório Rachel de Queiroz, organizada pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da UFC, com coordenação científica dos professores Yuri Brunello e Orlando Luís de Araújo, do PPGLetras/UFC, participação da professora Ana Rita Fonteles Duarte (PgHist/UFC) e da mestranda Bárbara Ribeiro (PPGLetras) como debatedoras. De tal evento, a Edição Out-Dez. (2018) da **Entrelaces** resolveu ampliar a discussão, propondo o dossiê *Gênero e Literatura: da autoridade do cânone literário às potências narrativas*, que aqui se apresenta, reunindo artigos de graduandos, pós-graduandos e professores-pesquisadores brasileiros e estrangeiros que discutem o tema sob as mais diferentes vertentes.

O gênero, como categoria de análise nas ciências humanas, disseminada no Brasil a partir dos anos 1990, permitiu pensar a historicidade das relações entre homens e mulheres, desvendando e desnaturalizando mecanismos e dispositivos de produção de hierarquias e desigualdades em suas conexões com a política, economia e cultura.

Como espaço de expressão sobre o mundo e de construção identitária, a literatura não tardou a ser interpelada por questionamentos em torno de seus cânones estabelecidos, muitas vezes, como a-históricos, da indiferença da crítica à falta de diversidade de percepções e experiências de grupos sociais não presentes ou não representados na produção literária.

A produção literária publicada no Brasil, a exemplo de muitas outras em todo o mundo, ainda é bastante concentrada entre homens brancos, de origens sociais privilegiadas, posicionados em lugares geográficos e de construção do conhecimento ainda pouco permeáveis a mudanças e deslocamentos nesse aspecto. Essa dificuldade não impediu de se instituir a disputa no campo literário, em diferentes formas, ao longo do tempo, embora ainda longe de condições de igualdade e reconhecimento.

Foi a partir dessas constatações que se organizou este dossiê, bastante representativo das discussões e problemáticas construídas sobre o tema na contemporaneidade. Os artigos situam-se em três eixos temáticos básicos. O primeiro diz respeito à literatura feminina como espaço de denúncia das dificuldades encontradas para a própria construção do ser escritora e dos tensionamentos das identidades esperadas e produzidas para as mulheres, assim como questionamentos sobre as razões de sua exclusão, silenciamento ou diferenciações na circulação e apreciação das obras pela crítica.

Estão situados nesse campo os textos de Ana Carolina Cavalari, sobre a escrita de Clarice Lispector, de Emanuela Carla Siqueira sobre a poesia de Elise Cowen e de Pamela Pinto Chiarelli Fachinelli, Fani Miranda Tabak, Joana Luiza Muylaert de Araújo sobre as relações entre literatura de viagem e produção autobiográfica em Marie van

Langendonck em sua obra *Uma Colônia no Brasil*. Lígia Cristina Machado reflete sobre essas questões a partir da escrita, entre a crônica e o conto, em Júlia Lopes de Almeida. A mesma autora é retomada em outro artigo por Gabriela Simonetti Trevisan para pensar a loucura e suas construções, num viés de gênero, pela medicina nas primeiras décadas do século XX. Seria a loucura feminina? O questionamento de papéis de gênero a partir da memória, num recorte geracional, entre mulheres da mesma família, é o debate enfrentado por Juana Maricel Sañudo, na análise das personagens de Misiá Señora, da colombiana Albalucía Ángel, publicado em 1982.

Já Júlia Palma Ramôa Correio reflete sobre a contestação aos modelos de beleza para as mulheres a partir da poesia contemporânea em *Um útero é do tamanho de um punho*, de Angélica Freitas. As desigualdades de gênero na recepção e produção literária, dos pontos de vista histórico e sociológico, são abordadas em dois diferentes artigos, respectivamente por Paulo Henrique Oliveira e Lúcio José Dutra Lord.

No segundo eixo temático, encontraremos artigos que debatem, do ponto de vista interseccional, as relações entre gênero, classe, raça e orientação sexual, em obras de escritoras brasileiras e estrangeiras, refletindo e propondo subjetividades pouco exploradas e referendadas socialmente, inclusive pelo cânone literário. Camila de Matos e Silva debate identidade e contradiscurso na obra *Um Defeito de Cor*, de Ana Maria Gonçalves. Lucas Toledo de Andrade discute memória e autorrepresentação em *Olhos D'água* da escritora Conceição Evaristo, rejeitada em sua candidatura esse ano para a Academia Brasileira de Letras (ABL). A denúncia do racismo nas obras de Carolina Maria de Jesus e Flanery O'Connor é o tema do artigo de Marco Castilho Felício.

As relações entre vida e obra ajudam a entender as possibilidades críticas e, por isso, amplificadoras do feminismo, a partir da diferença, na produção da escritora e ativista chicana Glória Andalzúa, no artigo de Lara Virgínia Saraiva Palmeiras. Por fim, as sexualidades dissidentes, representadas em dois romances da polêmica e censurada paulistana, Cassandra Rios, retratada em documentário como 'A safo de Perdizes', são objeto de reflexão de Marcelo Branquinho Resende.

O terceiro e último eixo temático reúne discussões sobre representações femininas questionadoras das relações de gênero, em diferentes tempos, em obras de escritores consagrados da literatura nacional e estrangeira. A ideologia patriarcal é discutida a partir da protagonista de *A Dócil* de Dostoiévski, por Adrianna Alberti e Volmir Cardoso Pereira. A sombra de Lilith é desvendada por Danielly Cristina Pereira Vieira no polêmico *Caim*, do nobel de literatura José Saramago. As construções das mulheres de Eça de Queirós são interpeladas a partir da análise comparada entre a obra, publicada no final do século XIX, em Portugal, e adaptada, no Brasil, pelo cinema em 2007, numa São Paulo, dos anos 1950, por José Roberto de Andrade e Daniele Machado Fontes. Entres santas e putas ou castas e voluptuosas, as delícias e repressões das personagens femininas do teatro de Nélson Rodrigues são problematizadas por Juliana M.G Carvalho Nascimento. Por fim, a encerrar o dossiê, o clássico *Senhora*, de José de Alencar, é analisado sob o ponto de vista das relações com seu tempo e lugar de produção, o Rio de Janeiro oitocentista.

Em *Reflexões das Organizadoras*, a professora Eleonora Forenza escreve sobre a temática que balizou nosso dossiê. Esse número especial conta ainda com uma seção *Ensino*, em que poderemos aprofundar o debate sobre a ausência de produção literária feminina nos

livros destinados aos alunos do Ensino Médio, no artigo de Ana Cristina Steffen. Na seção *Criação*, publicamos o poema *Mulher*, escrito por Livia Ribeiro Bertges. Nosso dossiê traz, ainda, a ilustração *Impedida pelo Sexo*. A criadora da obra é Vivian Siqueira Gomes, vencedora do nosso Concurso Cultural para escolha da capa. Parabenizamos a ela e desejamos a tod@s uma excelente e proveitosa leitura.

Ana Rita Fonteles Duarte

(Universidade Federal do Ceará)

Eleonora Forenza

(Università degli Studi di Roma Tre)

Organizadoras